



PSICANÁLISE

Ana Cláudia Santos Meira

# Histórias de captura

*Investimentos mortíferos nas relações mãe e filha*

**Blucher**

HISTÓRIAS  
DE CAPTURA:

*INVESTIMENTOS MORTÍFEROS  
NAS RELAÇÕES MÃE E FILHA*

Ana Cláudia Santos Meira

*Histórias de captura: investimentos mortíferos nas relações mãe e filha*

© 2021 Ana Cláudia Santos Meira

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa:

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonas Eliakim

*Produção editorial* Villa d'Artes

*Preparação de texto* Lilia Nunes

*Diagramação* Villa d'Artes

*Revisão de texto* Vânia Cavalcanti

*Capa*

# Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios sem autorização escrita da  
editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard  
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Índice para catálogo sistemático:

# Conteúdo

Apresentação	9
1. Uma ou duas palavras para começar	17
2. Os melhores desenvolvimentos a partir da relação mãe-bebê	29
3. Investimentos narcísicos: berço esplêndido do Eu Ideal	47
4. Um trajeto do Eu Ideal ao Ideal do Eu	65
5. A história antes da história: quando a mãe fálica era filha	87
6. A mãe fálica das histórias de captura	105
7. Do incestuoso edípico ao incestuoso pré-edípico	121
8. Nuances das histórias de captura: mães fálicas, mães narcisistas	147
9. O pai da horda primeva não é pai, é mãe	163
10. “O pai que nunca esteve lá não estava lá”	181
11. Pátria mãe gentil: lealdades e obediências	197
12. Esse ambíguo desejo de <i>fusãoseparação</i>	221

13. Difíceis, mas necessárias inconfidências	239
14. (Des)Enlaces entre investimentos e pulsões nas histórias de captura	253
15. As aberturas possíveis da análise: projetos de autonomia	281
16. Análise: da função materna para terras estrangeiras	305
17. (Re)Construções de caminhos: por quais terrenos andamos?	321
18. Uma ou duas respostas para seguirmos vivos	335
Referências	347

# 1. Uma ou duas palavras para começar

*Escrevo na esperança  
de que as palavras me libertem do sangue.  
Do corpo da mãe. Mas, e se não existir eu  
além dessa mistura de carnes de mãe e filha?  
Me sinto deslizar para o buraco negro do corpo dela,  
onde sou cega e minha faca esgrima no ar*

(BRUM, 2011, p. 16).

Como começamos? Não sei exatamente em que momento comecei a me interessar pelo tema das relações primitivas entre mãe e filha. Eu já escutara incontáveis histórias em conversas com amigas, já observara em cenas de famílias, de livros e de filmes; não são poucas. Mas o momento em que se tornou premente que eu mergulhasse nele, quando ele se apresentou ao vivo, foi quando tive em análise uma pessoa em especial, uma jovem cujo caso, tão pesado e difícil, colocou-me a pensar, supervisionar, analisar, estudar e, por fim, convocou-me a escrever. O primeiro

trabalho que escrevi sobre esse assunto deu início, em 2012, a uma viagem sem volta e sem respiro, por uma temática tão impactante como esta: dos investimentos mortíferos.

Então, diria que o interesse por esse tema surgiu desde o meu lugar de analista, na escuta de sofrimentos – ou, como muitas vezes vem, de uma ausência de sofrimento –, uma sensação de vazio, de apatia, de inexistência, uma falta de sentido, uma falta de sentir, uma impossibilidade de um viver mais livre. Diria que o interesse por esse tema nasceu da clínica, fonte tão rica daquilo que, na teoria, está registrado com palavras; essa clínica tão viva e que, paradoxalmente, me levou a estudar o tema do mortífero nessas relações iniciais, a primeira de nossa história.

Também poderia dizer que o interesse por esse tema se impôs quando li o livro *Uma/Duas*. Eliane Brum, a autora, escreve o que poderia ser uma narrativa no divã, de anos de uma análise profunda, e o faz de forma extraordinária, ao mesmo tempo, contundente e admirável. O livro é composto por uma história de morte e de vida, por uma relação de mágoas e amarrações, de ressentimentos e impossibilidades, de sangue e ódio. Não é fácil lê-lo: a angústia que desperta faz, a um só tempo, querer parar de ler – dado o efeito que causa – e *não poder* parar de ler, tamanho o arrebatamento que provoca. É nesse paradoxo e com essa mistura de sentimentos e movimentos, que me vi tragada por uma leitura violentamente fascinante. A narrativa carregada de emoção deixou-me impactada, pela intensidade do relato, absolutamente vivo e aterrador.

Mas, para ir mais longe, talvez no *ponto zero* de meu interesse, eu tenha que retroceder muitos anos e dizer que é possível que o interesse por esse tema tenha vindo do berço, esse lugar onde todos nós estivemos, berço como matéria e também em seus mais ricos significados simbólicos, com tudo aquilo que, nele, recebemos de nossos pais, em especial de nossa mãe.

Então, é provável que o interesse por esse tema esteja presente desde sempre, desde que sou filha de uma mãe – como todos, porque ainda que nem todos sejam mães ou pais, todos somos filhos e filhas de alguém. É bem possível, pois, que vindo desde lá, ele só tenha *despertado* agora, tantos anos depois, tantos caminhos depois, tantos encontros depois, até o tempo em que fui me tornando uma analista que escuta e, tomando emprestada uma passagem de outro livro de Eliane Brum (2014), uma *escutadeira que conta. E conta. Para contar.*

### *Destes inícios, nossas nascências...*

Somos todos povoados de histórias que vivemos desde que chegamos a este mundo, mas também de histórias que não datam do dia do nosso nascimento, que não são nossas. São histórias que nos antecederam, mas que deixaram marcas feitas como marca d'água, ou feitas a ferro e fogo, depende da sorte ou do azar que tivemos.

Sorte ou azar, porque não escolhemos onde, nem quando, nem por quem fomos gerados; mãe e pai, não escolhemos classe social, época, ou local para nascer. Resta-nos aceitar, mas não sem ter algum trabalho. Ante essa total falta de livre-arbítrio em nossos inícios, Freud (1909) já identificava que é comum acreditarmos na fantasia de que existem outros pais – nossos, então, *verdadeiros* pais – em vários aspectos preferíveis e superiores que os reais. Tal fantasia viria ocupar o vazio deixado pela desilusão com a descoberta de que nem nosso pai nem nossa mãe são exatamente como gostaríamos.

Todavia, Freud (1909) revela o motivo mais essencial de tal substituição: “todo o empenho em substituir o pai verdadeiro por

um mais nobre é apenas expressão da nostalgia da criança pelo tempo feliz perdido” (p. 424). É uma forma de dar as costas aos pais do presente, para voltarmos aos pais como figuras de confiança e apoio dos primeiros anos de vida. Esta fantasia é, então, “expressão do lamento de que aqueles tempos felizes tenham passado. Portanto, a superestimação dos primeiros anos da infância vigora de novo nessas fantasias” (p. 424). Logo, é com insistência que tentaremos recuperar tudo aquilo que acreditamos ter vivido, buscando vida afora, desejando reaver ou ansiando restaurar o que não temos mais. Se é que um dia tivemos...

Na vida real, nossos pais são estes que o destino providenciou, uns bons, outros nem tanto. E cada um sabe a dor e a delícia de ter os pais que tem ou teve. Mesmo que nenhum deles tenha sido *tudo isso*, e que saibamos que nenhuma família, de nenhum lugar, faz jus à imagem idealizada de nossos devaneios, vamos tratar de realizar o melhor negócio com isso que nos foi dado. “O que herdaste de teus pais, apropria-te para fazê-lo teu”, já foi pronunciado mais de dois séculos atrás. Das melhores e das piores heranças, teremos o resto da vida para dar o melhor encaminhamento e destino, para ver o que fazer com cada bem recebido, também com cada mal recebido.

Apropriar-se de si é tarefa de todos, e não é fácil para ninguém. Saber quanto somos habitados por um outro, muitos outros, e o quanto sobrou de espaço livre para sermos habitados por nós mesmos, é tarefa essencial. Mesmo quem conseguiu chegar a ser um neurótico já não enfrenta pouca coisa para que ter o reconhecimento alheio seja menos importante do que ter uma vida própria. Com muita frequência, esta conquista se faz a duras penas, às vezes com alto custo: sofremos muito, perdemos muito, pensamos muito, e serão muitas as horas passadas em um divã tentando dar conta daquilo que sentimos até hoje nos atrapalhar, dificultar, incomodar. Mas, com sorte, no campo

da neurose, *gastaremos com lágrimas e palavras*, no dizer de Nasio (1997), nossas dores e lograremos transformar dentro de nós o que tanto nos tenha feito sofrer.

Certo é que todos nós vivemos, passamos e sofremos cada uma das fases, dos investimentos, das projeções e introjeções, dos movimentos psíquicos de nossos pais. Na relação inaugural do desenvolvimento, a relação com a mãe não será única a apresentação dos meandros de uma configuração tão delicada. Somos, de saída, afetados pelos mesmos embates, impasses e dramas; o que muda e confere riqueza é que, para cada um, será em graus diferentes e singulares. Escutaremos proibições, determinações, definições, mandatos e desígnios que serão pronunciados em diversos níveis e em vários tons de voz. Então, teremos que pensar na imagem de um espectro, para entender que, de diferentes formas e com roupagens diversas, todos viveremos *na pele* algo da luta entre o amoroso e o mortífero nas primeiras relações.

Para quem pôde chegar até a fase edípica, mesmo que não tenha logrado renunciar a ele, o divã analítico será porto para as frustrações, as dores e os dramas de uma ordem. Nestes casos, teremos histórias com três personagens para escutar, e as lembranças recuperadas pelo analisando terão um *quantum* maior de pulsão sexual, colorindo as tramas nas quais ele esteve enredado. Todavia, não é só a neurose que povoa nossas salas de análise. Contudo, no complexo terreno das ligações com os pais, com suas intrincações, não é dos melhores encontros que falaremos neste livro; não é das mães mais amorosas, nem dos pais mais presentes, nem dos casais parentais que foram capazes de se debruçar com as maiores apostas e com um investimento libidinal objetal sobre sua prole, e que foram capazes, ao mesmo tempo, de manterem suas vidas como casal e como indivíduos.

Também não é de histórias com pais e mães que garantiram as condições para que os filhos chegassem até a fase fálica em seu

desenvolvimento psicosssexual, e vivessem a conflitiva edípica com a coragem que os embates dessa etapa demandam. O sujeito de quem falaremos aqui ainda não está se havendo com a questão das fantasias, de desejos e proibições; para isso, ele teria que ter um Eu mais constituído; essa pessoa que nos busca em momentos mais de vazio do que de conflito, ainda se vê às voltas com sua constituição inicial.

No mergulho feito e proposto neste livro por esse tempo inicial, busco compreender, em especial, a qualidade de investimento pulsional das mães dirigida às filhas, no que aqui nomeio como *histórias de captura*. Nelas, o que parece rogar por uma escuta é algo das mais iniciais e silenciosas relações com o primitivo objeto. É em uma história assim, de captura, que esteve aprisionada minha analisanda, aquela que mencionei antes. Psicologicamente encarcerada por uma mãe que a tomou para si e que nunca a deixou partir, ela teve de romper a relação e ir fisicamente para longe. Foi essa direção contrária que a trouxe até a análise. O que fomos descobrindo lá, no entanto, é que – embora há muitos anos sem falar com a família de origem – ela seguia absurdamente enredada nas mais apertadas amarras de uma história que lhe foi imposta e pela qual ela vinha pagando com a própria vida, não com a morte da vida do corpo, mas com a morte da vida psíquica.

Assim como ela, na clínica dessas histórias, pensaremos na trama que se faz ver na análise dessas pessoas que nos buscam com padecimentos severos, desesperos, agonias, inviabilidades, transtornos alimentares, atuações graves, doenças psicossomáticas; que nos chegam desvitalizadas, desistidas, esvaziadas, reféns, desoladas, em pânico, com a alma em carne viva e, ao mesmo tempo, com tanta morte, a alma. Recebemos filhas que sofreram – por parte da mãe – confusas declarações de um cuidado desmedido, ditos sobre o amor sentido por quem lhes trouxe ao mundo ou quem as criou, sérias imposições, severos impedimentos, chantagens emocionais, ameaças mais ou menos veladas, duras palavras, duplas mensagens.

Da análise de casos como o dessa analisanda, com tantas condutas autodestrutivas, com um intenso ataque ao próprio corpo e às conquistas que duramente pôde fazer ao longo de seus 40 anos de idade, vemos que um investimento de qualidades mortíferas da mãe fez a filha ser portadora de uma história de terror, com um enredo dramático e poucos enlaces, de contornos tanáticos e escassas possibilidades, uma dinâmica complicadíssima, uma vida sendo subtraída pela figura materna e recoberta de uma morte simbólica, mas não simbolizável.

As mães que essas filhas nos apresentam estiveram imersas em processos não vividos, conflitos não assimilados, lutos não elaborados e questões familiares não resolvidas. Com entraves inconscientes não transpostos, seu narcisismo encontrou refúgio naquela a quem deram à luz; são mães que tomam a filha como propriedade sua, para usufruto seu até o fim de seus dias. Pensemos, então, no que se põe em cena no palco da história dessas duas mulheres – mãe e filha – e tantas outras antes delas, cada mãe e cada filha, elos dessa trama tão feminina.

Tais histórias não são sempre evidentes ou claras. Muito acontece no interior das casas, na privacidade dos lares e das relações, muitas motivações explicam o excessivo zelo de um amor supostamente incondicional, muito se disfarça na extrema dedicação de uma mãe. Pronunciado em tom ambíguo e de difícil discriminação, a frase “é para o teu bem” pode guardar as melhores intenções de genitoras que orientam e educam, mas também pode vir para lembrar que a mãe é detentora do poder e do saber sobre a criança que a ela está submetida.

Não raro escutamos da mãe de alguém (e, às vezes, das nossas próprias), quando essas histórias nos chegam, frases contundentes: *Tu és tudo pra mim! Somos só eu e tu... Ninguém te ama mais do que eu! Uma mãe é a melhor amiga que uma filha pode ter...*

*Não existe amor maior do que o amor de uma mãe!*; afirmações com tom de acusação: *Dei minha vida por ti! Tu vais me matar deste jeito! Se saíres por essa porta, não voltas! Tu queres me enlouquecer! Não foi pra isso que te criei! Tu vais ver o que vai te acontecer lá...;* ou pesadas perguntas: *Vais deixar a mãe sozinha?! Fiz tudo por ti, e é assim que retribuis?! Esqueceste que tens mãe?! E eu, vou ficar aqui abandonada?!* Conforme a entonação com que são proferidas, conforme o peso que carregam, conforme a ameaça que encobrem, conforme a mãe que as diz e conforme a filha que as ouve, é muito, muito difícil fazer frente a elas; às vezes, é impossível para uma filha desconsiderá-las e acreditar que é possível crescer, desejar e fazer as próprias escolhas, sair e trilhar o próprio caminho.

Nestas relações que, muitas vezes, *parecem* estar no campo de uma neurose – mas que certamente não são – temos um espectro de larga extensão, ao longo do qual se localizam vários pontos até onde puderam evoluir ou onde ficaram detidos estes enredamentos. Encontramos, nesse espectro, apresentações diversas dessa mesma dinâmica, em uma ampla variação que é própria de cada dupla que se forma. Logo, temos que conjugar no plural as histórias de captura e os investimentos mortíferos feitos de modo mais ou menos intenso, com um maior ou menor *quantum* de pulsão sexual ou de pulsão de morte, e um investimento mais narcísico ou mais objetal compondo a cena.

Na ponta superior do espectro, com um colorido mais libidinal, encontraremos filhas divididas entre o encantamento de seguir sendo *tudo* para a mãe e a sensação de aprisionamento que é ficar neste lugar da ilusão de ser *uma só* com ela. Em um determinado ponto da vida, elas conseguem perceber que, nessa estranha mistura entre pulsão de morte e pulsão sexual, mais perdem do que ganham e, mesmo com bastante dificuldade, vêm em busca de análise com mais conflitos e angústias.

Na ponta inferior desse espectro, com um tom escurecido pelo tanático, encontraremos filhas que não se sentem nem autorizadas nem habilitadas a seguir um percurso que não seja aquele que as leva sempre de volta aos braços da mãe. Será com muita dificuldade que elas buscarão análise, já que a análise é uma *outra* via, um outro caminho, um outro objeto. Mais comumente, elas virão trazidas por alguém, encaminhadas por um médico, ou pela escola, ou por alguém de suas parcas relações que não consegue assistir impotente às cenas de uma filha capturada por sua mãe. Elas, porém, sentem-se quase sem forças para lutar contra isso e, por vezes, sequer enxergam o estado em que estão, mergulhadas que estão, aprisionadas que estão.

Nas histórias de captura, uma filha é feita cativa de uma mãe que não reconhece a diferença de gerações nem a castração e constitui com sua filha um circuito fechado. Uma relação assim mantida dual impede que qualquer caminho seja percorrido por essa que nasceu e que deveria poder ganhar mundo. Então, para além do que – no desenvolvimento corrente – seriam os desejos inconscientes dessa filha de ficar, será a mãe que roubará não só a cena, como a fala da personagem feita aí figurante de uma história que não pode ser sua; o protagonismo, nesses casos, é mantido por aquela que deveria retirar-se ao deixar a luz para quem cresce. Mas não. Essa mãe impor-se-á com proibições contundentes e impedimentos massivos de difícil desconstrução ou abalo.

Para ilustrar essa complexa dinâmica e o que fica impedido de acontecer quando uma relação dessa qualidade se impõe, a clínica vem emprestar voz a seus estranhos enredos. Mas também nos acompanhará ao longo deste livro a voz de Laura, personagem do livro *Uma/Duas*, que fala de forma dramática e intensa sobre a pesada relação com Maria Lúcia, a mãe que ela foi obrigada a rever depois de anos afastada, depois de nunca separada. Pela boca de Laura, Eliane Brum expõe essa dinâmica das histórias de captura

em sua apresentação mais primitiva e violenta. Ela descreve o fracasso do movimento que deveria permitir ao bebê, naturalmente, ir adquirindo a autonomia necessária para ver-se despregado da promessa de completude e perfeita união com a mãe das mais precoces etapas.

Como recurso estético, a primeira edição do livro foi escrita com letras cor de laranja, quase vermelha, como o sangue esparraçado na cena que põe mãe e filha novamente em contato: uma tentativa de suicídio da primeira, que mais parece uma estratégia bem sucedida de prender Laura mais uma vez dentro de si, de onde nunca pôde se libertar, ainda que a geografia as tenha mantido distantes por anos. Ou como o sangue que escorre dos muitos cortes que essa filha fez em seu corpo – *tentativas de separar-se do corpo da mãe*, explica. É disso que fala *Uma/Duas*: de uma história de captura, de claustro em que habita essa dupla<sup>1</sup> inseparada. Fala do momento de um reencontro que não era possível, já que nunca houve uma separação, já que nunca houve um encontro de fato. No tempo narrado no livro, elas estão novamente habitando as mesmas quatro paredes de uma relação em que *duas são uma*. *Minhas mãos da mãe*, é como a filha retrata essa indiscriminação.

Laura ganha voz por meio da escrita, uma voz que nunca teve. Era da mãe, em sua onipresença, a única voz ouvida naquele apartamento fechado, naquela cama para a qual atraía sua filha. Para completar a cena, sem voz para fazer-se presente, o pai de Laura sucumbiu ao império materno. Um dia, *aquele homem que nunca esteve lá, não estava lá*. Exilado por quem nunca foi uma esposa, não teve força para salvar a filha das garras e dos tentáculos que ela via na mãe. Sozinha, a menina não foi capaz de outra coisa

---

1 A própria palavra “dupla” é interessante e representa bem a complexidade deste fenômeno, pois ela indica ao mesmo tempo, a existência de duas pessoas (que formam esta dupla), mas a palavra é uma só: é *uma* dupla, singular.

que não se render, e levou alguns anos até que pudesse partir daquela casa. Partir, mas com a mãe amarrada em seu corpo e agarrada a sua alma, por um parto que não pôde ser feito.

É também dessa dinâmica de tantas mães e tantas filhas que meu livro tratará: da posse que uma mãe pode tomar de sua filha desde bebê, mas às vezes para sempre; da captura de sua liberdade, até que alguém se interponha; do sequestro de sua existência, sem direito a nada; de um investimento materno narcísico, que furta da filha a possibilidade de um vir-a-ser; da incapacidade desta que, em sua condição de dependência, não imagina poder viver sem as amarras da mãe, mesmo que, para isso, tenha que renunciar à própria vida psíquica, ou nem mesmo desenvolvê-la – como teve de fazer Laura, como fez minha analisanda, como fazem tantas outras filhas; e da ausência de um terceiro que, mesmo que esteja de corpo presente, malogra em cumprir aquilo que lhe é devido: desfazer a união idílica entre mãe e bebê, separar o que era *uma* e mostrar que ali existem *duas*.

Para compreender metapsicologicamente essas histórias com um enredo mortífero, busquei aporte na teoria freudiana. De ligações em ligações, foi por muitos tempos e conceitos de Freud, este pensador inaugural, que transitei para, depois, percorrer outros autores. Além disso, serão vários os conceitos que nos acompanharão no desenvolver dos capítulos deste livro: pulsão de morte, pulsão sexual, narcisismo, o duplo, Eu Ideal, Ideal do Eu, em um tecido composto por muitos fios, tal como é a malha representacional que constitui, com linhas bem enlaçadas, o aparato psíquico que vai nascendo na alma, depois de ter nascido o corpo.

Na contramão de histórias de tamanha quietude e aprisionamento, desejo que, ao percorrer estas páginas, o leitor encontre fios tramados que o ajudem a compreender algumas questões da clínica, mas também pontos suficientemente largos, prontos para

que cada um vá fazendo sua tessitura e novas tramações . Que o leitor encontre eco para o estranhamento que, por vezes, surge na escuta de analisandos que *parecem* neuróticos; mas, mais do que eco – que só repete o que ouviu –, encontre ressonância que o coloque a pensar além, reconhecendo que assim é a Psicanálise, essa teoria sempre em aberto; que assim é a análise, este espaço de sempre abrir; e que assim é a vida, essa que está sempre em movimento, que não cansa de nos desacomodar, reacomodar, movimentar e interrogar.



*Este livro convida o leitor para um mergulho* em profundidade nas complexas tramas do que a autora denomina como *histórias de captura*: um tipo específico de investimento de uma mãe sobre a filha, que é mantida cativa nas teias do narcisismo da própria mãe. Tal investimento materno, longe de abastecer libidinalmente a filha – que assim estaria preparada para uma vida de desejo –, captura sua existência e, de modo inconsciente, lhe impõe o compromisso de manter-se ali, sempre ali, ali para sempre. Na ausência de um terceiro que, na constituição desta difícil condição, tenha operado o corte necessário para a separação da dupla mãe e filha, a psicanálise vem outorgar esta possibilidade.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-139-0



9 786555 061390



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## **Histórias de Captura**

Investimentos mortíferos nas relações de mãe e filha

---

**Ana Cláudia Santos Meira**

ISBN: 9786555061390

Páginas: 356

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021

---